



BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

PROJETO MEMÓRIA ORAL

CYRO DEL NERO E MAURO RUBENS DE BARROS

Hoje, 25 de julho de 2006, a Biblioteca Mário de Andrade registra o depoimento em dueto do professor titular do Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, o artista plástico e cenógrafo Cyro Del Nero e do presidente da Associação de Amigos da Biblioteca Mário de Andrade entre 1987 e 1995, o jornalista e sociólogo Mauro Rubens de Barros. Estes depoimentos integram o Projeto Memória Oral da instituição, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Mário de Andrade de uma forma matizada, através de narrativas orais dos seus mais diferentes protagonistas: antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na direção de captação audiovisual deste registro, Sérgio Teichner e na condução do depoimento, Daisy Perelmutter.

Daisy Perelmutter: Para iniciarmos este depoimento eu gostaria que vocês nos contassem um pouco, reconstituíssem a geografia afetiva da cidade durante o período da juventude de vocês. Quais foram os lugares que simbolizaram experiências que foram marcantes na formação de ambos?

Mauro Rubens: Na década de 1950, pensando a Biblioteca Municipal inserida no contexto da realidade brasileira, devemos lembrar o seguinte: primeiro, o número de eleitores nessa época era de cinco milhões contra 122 milhões de hoje. A população rural brasileira era 60% do universo, hoje inversamente é um 1/3. A cidade de São Paulo tinha alguma coisa em torno de um milhão e meio a dois milhões de habitantes, era uma cidade relativamente pequena comparada à megalópole que

virou hoje, por isso mesmo, era muito segmentada, a estratificação social era muito bem definida.

Então me parece que esses jovens aqui convergiram porque não havia esta difusão cultural, nem o número de bibliotecas de bairro que há hoje. Naturalmente a Biblioteca Mário de Andrade foi uma fonte e um epicentro cultural de muitos jovens da classe média da faixa de 15 até 18 anos mais ou menos, que aqui receberam e desenvolveram sua formação cultural e seu aperfeiçoamento; foi também um conglomeração entre vários artistas e intelectuais prometidos e pré-universitários. Nós não podemos deixar de lembrar também, que nesse contexto social em que o número de universitários brasileiros nessa época não chegava a cem mil, portanto, alguns sociólogos da época se referiam ao segmento dos bacharéis e da universidade brasileira como um clube restrito. Esses jovens ainda não tinham idade universitária, mas na realidade faziam uma pré-universidade num sentido muito liberal, muito aberto. Muitos beberam aqui profundamente e marcaram suas vidas profissionais e culturais. Suas atividades foram profundamente marcadas pela presença da Biblioteca. Alguns autores foram marcantes na formação desse grupo.

Eu me recordo, por exemplo, que Hermann Hesse foi profundamente endeusado; Drummond era dito de trás para frente, de frente para trás, especialmente quando ele surge com *Claro Enigma* que, a nosso ver, foi o grande momento dessa fase de Drummond. De forma que ela foi um celeiro de formação de vocações e de uma inteligência que despontou e realizou um trabalho importante, marcante na cultura, na sociedade brasileira em seus vários campos: nas ciências jurídicas, na literatura, no teatro, nas artes plásticas. Nas artes plásticas parece-me que foi a presença na Mário de Andrade da Seção de Arte, que foi fundada e desenvolvida pelo Sérgio Milliet, que foi um grande amigo nosso apesar da diferença de idade. O Sérgio Milliet é um dos intelectuais que marcou presença aqui e eu até fazia um cotejo dele, dizendo que o Borges foi o presidente da Biblioteca em Buenos Aires quando o Sérgio Milliet era daqui. Sérgio Milliet exerceu uma crítica literária diária, hoje ninguém mais faz isso no mundo inteiro. A obra que ele deixou deve estar presente aqui; é colossal, ele foi uma presença expressiva. Até onde estou informado foi ele quem criou a Seção de Arte e a Maria Eugênia Franco me parece que a dirigia nesta época. Ela era irmã da Maria Leontina e de um deputado



socialista, Cid Franco, que foi um dos fundadores do Partido Socialista. Aliás, foi ele quem lançou neste grupo junto com o Alípio Corrêa Neto, a candidatura do Jânio Quadros que surge do Partido Socialista. Ele era professor do Dante Alighieri, é lançado à prefeitura da capital como uma corrente alternativa, socialista séria, que depois, evidentemente, como todo o poder, foi desvirtuada. Veja quantos liames e ligações surgem nesse contexto dentro da Biblioteca Mário de Andrade.

O Cyro Del Nero tem uma relação de nomes e com o arquivo implacável da sua memória dará a sua contribuição. Aliás, com a presença do Cyro aqui, não sei se ele vai falar, mas eu vou falar o que ouvi dele, que a vida de realização profissional dele, as raízes foram aqui, na Seção de Arte.

Cyro del Nero: Foi.

MR: Foi ali que ele bebeu as fontes e pôde realizar a grande obra que realizou na cenografia, na pedagogia da arte, das artes cênicas e como ilustrador. Ele foi ilustrador da Clarice Lispector ainda muito jovem.

Pois bem, eu queria destacar a presença do Sérgio Milliet que foi notável, um homem de um humanismo, de um *savoir-faire*, ele tinha uma formação francesa, morou muitos anos na França e se orgulhava muito de uma coisa que poucas pessoas sabem, ele era associado honorário da Legião Estrangeira Francesa. Não sei se sabem é um detalhe anedótico que todo mundo que for ligado à Legião Estrangeira Francesa pode dizer em uma situação de perigo “*amour a la légion*”, que é imediatamente defendido por toda a legião e os soldados. Isso é uma particularidade. A sala dele era lá embaixo, no térreo, ele recebia vários intelectuais ali, porque como um crítico importante, atuante da época, ele naturalmente recebia a visita de todos os intelectuais, dos literatos. Quem publicava vinha de certo modo até fazer um “beija mão”, entregando a obra e deixando por tabela a obra no nosso acervo aqui na biblioteca.

Nesse contexto acho que essa geração, especificamente de classe média - porque a aristocracia rural brasileira e os seus descendentes da burguesia industrial estavam no Paulistano, no Pinheiros, nos clubes - nós que pertencíamos a uma classe média em ascensão, que era característica do processo de mobilidade social



paulistana, encontramos aqui um ponto de referência não só cultural, mas de convívio muito grande. Há inúmeras pessoas e personalidades que daqui vieram, o Cyro citará muitas outras.

Eu me recordo, por exemplo... Vou me lembrar de alguns esquecidos: José Geraldo Nogueira Moutinho, que foi um crítico importante da *Folha*¹, já falecido; o Pedro Morato, de quem o Cyro foi muito amigo e naturalmente terá um depoimento muito mais vibrante e preciso do que o meu. No teatro, outro esquecido e falecido também, é o Luiz Celso Paulini², que vinha da formação neolatina. Naquela época, na Faculdade de Filosofia, a seção Letras era segmentada em duas áreas: neolatina ou anglo. Hoje isto já não existe mais. O Luiz Celso vinha de neolatinas.

Não nos esqueçamos também que em paralelo a este grupo que vinha desta classe média ascendente à qual eu me referi estava a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, localizada a cinco quarteirões daqui, na célebre Rua Maria Antônia, e que depois vai formar e deixar um acervo extraordinariamente importante na área de Sociologia, História e Filosofia. Nós corríamos em paralelo e muitos de nós desembocamos lá. Eu, por exemplo, fui fazer Ciências Sociais e vim da segunda geração dos mestres franceses. Porque quem formou a Faculdade de Filosofia foi a missão cultural francesa, veio Lévi-Strauss que aqui reformulou a história da antropologia mundial com base nas pesquisas indígenas que ele realizou aqui; Roger Bastide, o Bastidinho, o Bastidão, Jean Maugué, Gerard Lebrun. Eu peguei a segunda geração, e foi o Fernando Henrique meu professor de sociologia, que por sua vez, era assistente do Fernando Azevedo. Desculpe o Fernando Henrique foi assistente do Florestan Fernandes, ele e o Octávio Ianni. A sua mulher, Dona Ruth Cardoso, era assistente do Egon Schaden. Eram as três antropólogas, Gioconda Mussolini, falecida, a Eunice Durham, que atuou muito no ministério do Paulo Renato, e a Ruth Cardoso.

Em paralelo a isso, esta geração que foi estudar Filosofia bebeu em que fontes? Florestan Fernandes, Octávio Ianni. Várias pessoas saíram daqui e foram para a Filosofia: o Gianotti, o Bento Prado Júnior, eles saíram daqui e foram para a Filosofia.

¹ Jornal Folha de São Paulo

² Celso Luiz Paulini



DP: O senhor atribui à Biblioteca Mário de Andrade essa opção?

MR: De certo modo sim, porque havia uma afinidade muito profunda, esta efervescência humanista que havia aqui, estava ocorrendo lá. Por quê? Como eu estabelecería este elo? Não se esqueçam que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foi quem rompeu com o ensino acadêmico tradicional no Brasil, que era só diurno, foi a primeira vez que houve um curso noturno. Ela rompe com essa estrutura tradicionalista. O jovem dessa aristocracia rural pertencente agora à burguesia industrial nascente paulista ia para onde? Para a Faculdade de Medicina em Pinheiros, a Faculdade de Medicina na Paulista, para a Politécnica e para a Faculdade de Direito no Largo São Francisco. Na época não havia sido sacramentada a unção do bacharel, do doutor. A Filosofia rompe com isso. Por isto eu estabelecería um paralelo: a Faculdade é fundada em 1934, portanto, nós estamos falando de cinquenta, da segunda geração que estava aqui e que vai desaguar lá. O Maurício Tragtenberg é um caso típico. Maurício Tragtenberg não tinha o primário, não sei se sabem disso. Ele não tinha formação e nós conseguimos na Faculdade de Filosofia que ele defendesse uma tese informal para justificar a entrada dele no curso universitário de bacharel, onde ele se formou e posteriormente onde fez sua carreira universitária. Ele se torna um grande especialista em Max Weber, era um weberiano assumido.

De forma que a Mário de Andrade, ao meu ver, tem essa importância, ela representou um momento, foi o criatório de uma geração marcante que aqui se abrigou e aqui encontrou o respaldo de informação cultural e bibliográfica. Estou muito emocionado de entrar aqui, porque há dez anos que eu não entrava na Biblioteca. Nós passamos aqui diariamente nossa vida.

DP: Como era essa rotina?

MR: Éramos os “adoradores da Minerva”, na verdade não era Minerva, mas nós a chamávamos assim. O falecido Perseu Abramo que era meu colega de clássico e fez sociologia também, hoje ele dá nome à Fundação Perseu Abramo do PT³, era

³ Partido dos Trabalhadores



jornalista do jornal *O Estado de São Paulo*, que ficava aqui em frente, onde hoje é o Hotel Jaraguá. O Perseu Abramo, muito capciosamente, subiu ao 1º andar e fotografou toda a roda que estava em volta da estátua, depois ele a chamou de os “adoradores da estátua” e isso pegou.

O Perseu Abramo é outro caso emblemático. Toda a família Abramo foi muito marcante, ela teve uma presença enorme na nossa cultura. O Athos Abramo, o pai do Perseu, foi um crítico de teatro importantíssimo, entretanto era de uma humildade impressionante. Eu o conheci quando era repórter de um jornal extinto chamado *O Tempo*, em que ele fez crítica literária e cujo secretário era uma personalidade, o Hermínio Sacchetta, que não só marcou o jornalismo como foi a primeira cisão do Partido Comunista Brasileiro. Foi ele quem criou o movimento trotskista, um dos primeiros trotskistas históricos do Brasil, foi secretário e editor chefe desse jornal em que eu também trabalhei como repórter. O Perseu é um caso emblemático porque vinha de uma família de intelectuais e artistas. O Lívio Abramo, que era um gravador importantíssimo, marcou toda a história da gravura no Paraguai, hoje você não vê artes plásticas paraguaias sem dissociar do legado dele. Athos Abramo e o tio Cláudio Abramo, que foi um jornalista importante, uma personalidade extremamente difícil, eu mesmo tive momentos de muito amor e muito desamor com o seu Cláudio. Radar, que ainda está presente hoje como museóloga. Perseu era de uma família de imigrantes que moravam na região do Brás.

CN: Na Rua Caetano Pinto.

MR: A Rua Caetano Pinto que era a sede da imigração de judeus e italianos. O Perseu era mais velho do que a gente, mas, como estava defasado, foi meu contemporâneo, por isso que digo que era uma classe média ascendente. O Perseu Abramo e o Maurício Tragtenberg representam bem tipicamente esta significância, porque de um lado o Maurício não tinha formação escolar nenhuma, nem primária, e o Perseu vinha defasado. Entretanto, aqui nesta amálgama e sob o guarda-chuva da Mário de Andrade havia essa troca, um convívio muito forte, muito presente nessa troca de informações de leitores. Então eu considero que foi um fator muito



importante e decisivo para essa geração que representava a classe média em ascensão e que ainda estava se firmando em sua trajetória acadêmica e intelectual.

Eu acho que basicamente é esse o contexto em que eu colocaria a *Mário*. O que você acha, Cyro?

CN: Maravilhoso. O meu *approach* é um pouco diferente. Meu *approach* é o seguinte: talvez eu tenha encarnado o perfil daqueles que tomaram a Biblioteca Mário de Andrade como a sua universidade. Havia poucas faculdades que pudessem nos entusiasmar, ser engenheiro, médico ou advogado era uma coisa que não estava nos nossos planos, mas nós tínhamos a certeza a respeito de algumas coisas sem planos. Eu deixei os bancos escolares no segundo ginásio e, a título de ter uma atitude independente, fui para um seminário. Fiquei um ano lá e o diretor do seminário, *Mister Harper* - que depois foi diretor do Mackenzie - pediu aos meus pais que eu não voltasse. Cheguei em São Paulo e estava sendo aberta a Escola de Polícia, estive lá por um ano e saí, porque aquilo não fazia sentido também. Eu estava aqui. Tenho a impressão de que 70% a 80% de nós éramos autodidatas. O entusiasmo que nós tínhamos por alguma coisa que não sabíamos o que era, mas alguma coisa que alimentava nossa sensibilidade. Até hoje não sei por que razão esta sensibilidade existia. Para você ter uma idéia, eu morava no Brás, vinha a pé e voltava a pé, meus companheiros de trajeto eram o Manoel Carlos - que hoje escreve novelas para a Globo - e o Maurício Tragtenberg. Eu ficava na Rua Bresser e o Maurício ia até a Vila Maria a pé. Nós nos despedíamos e, quando eu chegava em casa, tinha que botar as duas pernas para cima para que o sangue voltasse, de tanto andar.

O nosso roteiro diário era a municipalidade. Pela manhã eu e colegas íamos à Discoteca Municipal que ficava na Florêncio de Abreu, e que passou aqui para o final da Brigadeiro⁴. Íamos lá ouvir música como fanáticos. Havia uma figura que não citei porque não sei o nome todo, você deve lembrar, era o Mainardi⁵. Você lembra dessa figura?

⁴ Avenida Brigadeiro Luís Antônio

⁵ transcrição fonética do nome



MR: Lembro.

CN: O Mainardi ia à Discoteca Municipal conosco e só ouvia um disco: o *Carnaval Opus 9* de Schumann. Ele entrava na cabine e a moça que punha o disco olhava para ele, já ia buscar o disco e colocava para ele. Ele não permitia que ninguém entrasse com ele. Havia uma solidão em nós que precisava ser explicada pela cultura, nós bebíamos do “ectoplasma” do Mário de Andrade aqui neste prédio, ele impregnava isto aqui. Eu nunca encontrei o Mário, mas sou uma das pessoas mais íntimas dele.

Aprendíamos aqui. De manhã íamos para a Discoteca e depois corríamos para cá, e aí estávamos aqui, “adoradores da Minerva”. Se um de nós entrasse com um livro na mão todos nós queríamos saber que diabo de livro era aquele. Um dos livros que mais fez sucesso foi sem dúvida *O lobo da estepe* de Herman Hesse, que foi por um tempo o nosso livro favorito. Explicava a intimidade de um homem tomando contato com o mundo, do ponto de vista de um lobo da estepe, de um solitário.

O grupo se reunia aqui e trocávamos ideias, mas o trocar ideias era a nossa aula. Nós roubávamos do outro toda e qualquer experiência, chegávamos a ponto de ter a impressão de que a experiência era nossa. E alguém chegava a ponto de dizer: “Não, você não estava lá, você não viu o disco voador no Rio Tietê. Estava só eu e o Rude; e eu dizia: “Não, mas eu vi, até o disco voador andou em linha reta”. “É, andou sim, mas você não estava lá”. A participação que nós tínhamos da experiência um do outro era tão intensa, porque esse era o nosso aprendizado. É claro que tínhamos curiosidade pelas faculdades. Eu fui aluno ouvinte de Lógica do Leonardo Van Acker e do Alexandre Correia, na Católica⁶, no ano em que ele deu os pré-socráticos. É incrível que eu, sem nenhuma formação a não ser a leitura bíblica, todos os dias em minha casa, que é uma das leituras mais férteis do ponto de vista da palavra, dos fatos, dos exemplos e dos heróis que existe, eu fui o aluno favorito do Van Acker, de Lógica, que não tinha pé nem cabeça, era impossível.

Estávamos aqui, até que foi construído o Teatro Maria Della Costa, aqui em baixo, ela e o Sandro Polônio. A Maria convidou um diretor italiano, Gianni Ratto, a

⁶ Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo



fazer *O canto da cotovia* e todos nós fomos lá; para nós era uma aula prática de teatro, tanto que, assistindo ao espetáculo, depois a Maria nos proporcionou uma reunião para discutir o espetáculo. Flávio Rangel se converteu ao teatro neste momento. Ele levantou e fez perguntas, insistiu, falou e Ratto respondeu. A partir dali ele queria mandar tudo às favas e fazer teatro, foi o que ele fez. Eu fui o cenógrafo do Flávio Rangel durante anos, fomos diretores, ele de direção e eu de cenografia do TBC⁷ do Zampari. Esta e outras figuras, Manoel Carlos... Eu tenho uma lista que depois você vai tomar nota. Nós vivíamos aqui.

Eu acho que quem inventou o vocabulário e o pensamento de nossa geração só podia ser um poeta. Mário Chamie, que foi Secretário de Cultura durante anos, disse uma vez em um programa de televisão que um poema vale mil tratados de história. E citava alguns poemas: “Sobre uma urna grega” de John Keats e “Velejando para Bizâncio” de William Butler Yeats são dois tratados, um sobre a Grécia e outro sobre Bizâncio, que valem mais do que livros de história sobre a Grécia e sobre Bizâncio. Foi um poeta que nos deu a nossa língua, como pensar, o insumo poético que ganhamos com ele. Nós tivemos uma assinatura de autógrafos dele e do Manuel Bandeira aqui ao lado onde havia, não sei se ainda existe, a Livraria Agir.

MR: Não existe mais.

CN: Nós fomos lá para ver o Drummond e o Bandeira. Drummond sempre lançava seus livros no final de dezembro e a Biblioteca Municipal saiu para ver o Drummond. Nós fomos lá e um dos nossos amigos, já falecido, que depois foi ator e diretor de novelas na Globo, o Fábio Sabag, cometeu uma grande indiscrição naquela tarde: ele foi até o Drummond, cumprimentou e beijou sua mão. Drummond quase caiu desmaiado. Drummond você sabe, não fora a obra poética dele, teria sido internado como louco; era uma pessoa muito especial, ele se sustentava no fazer poesia. Ele quase desmaiou pela intervenção física do Fábio. Depois nós censuramos o Fábio.

Tinha alguns poetas entre nós, todos nós escrevíamos versos. Tínhamos inclusive na nossa cabine aqui, um livro que se chamava... O livro contábil chama-se

⁷ Teatro Brasileiro de Comédia



“borrador” – os contadores de antigamente usavam um livro onde anotavam entradas e saídas, o “borrador” – e nós intitulamos esse caderno como “borre-a-dor” e onde todos nós escrevíamos, em geral versos. Havia entre nós um poeta realmente verdadeiro, de Piracicaba, chamado Pedro Morato Krahenbuhl. Existe em Piracicaba ainda um cartório chamado Krahenbull, que foi do pai dele. Ele nos frequentava porque era um alto funcionário do IPASI⁸, no quarteirão aqui debaixo. Pedro Morato foi um outro guia, foi uma luz como comportamento, como produto. O Pedro tirar um poema do bolso para nós era uma porta, era uma aventura poética nova. Eu estava na Grécia em 1956 quando recebi a notícia de um colega nosso dizendo que o inevitável tinha acontecido: o Pedro se suicidou atirando-se deste viaduto aqui em frente...

As figuras todas eram preciosas para nós. O Dante Busana, que depois foi promotor público, que encontrou uma moça aqui chamada Cláudia, que depois se casou com o pintor português Fernando Lemos. Eu vi que quando ele encontrou a Cláudia, ele chegou para ela e disse: “Você se chama Beatriz?”. Ela disse: “Não, por quê?”. Ele respondeu: “Porque eu sou Dante”. Dante era uma figura maravilhosa, talvez, de nós todos, era o mais quadrado, talvez por estudar Direito. As figuras eram maravilhosas, cometemos excessos aqui.

MR: E o Yankov Kropochevsky⁹!

CN: O Yankov era outra figura. Quando nós dissemos para a mãe dele que ele era maravilhoso, que ele falava inglês perfeitamente, ela um pouco ofendida disse: “Esse não é o único talento dele”.

Um dos excessos que nós cometemos foi com um rapaz que nos pediu dinheiro, ele também frequentava aqui, mas era um objeto estranho no grupo. Ele nos pediu dinheiro e nós fizemos uma lista de arrecadação para ele. O nome dele era de um poema de Machado, se não me engano. Fizemos uma lista e conseguimos uma miséria, uma coisinha de nada. Quando ele soube que havia o dinheiro veio nos procurar para receber e nós dissemos que íamos dar o valor inteiro

⁸ Instituto de Previdência Social

⁹ transcrição fonética do nome



para ele. Nós dissemos para ele ir ali embaixo e gastamos tudo em cerveja diante dele, o que se vestia de uma crueldade, mas havia uma lição de moral nisso também. Qual lição de moral eu não sei, só me lembro como crueldade. E outras coisas que fizemos aqui...

Tivemos aqui também as mulheres, as moças: a Cláudia do Dante, havia outras moças, você se casou com uma moça daqui, uma gaúcha, a Vera Mogilca, uma escritora que depois foi para o Rio Grande do Sul. Não é isso?

MR: Foi.

CN: Havia outras. Há uma pintora, a Marina Caran.

MR: Ela foi funcionária aqui, se aposentou aqui. Eu tenho trabalhos dela.

CN: Foi? Ela está expondo na FAAP¹⁰, dentro de quinze, trinta dias; desenhos.

Outra lembrança que eu tenho e mostra o nosso comportamento e a nossa surpresa diante dos fatos é que estávamos sentados lá fora e chega um senhor e se dirige a nós e pergunta: “Aqui é biblioteca?”. Dissemos: “É, aqui é biblioteca”. Ele: “Os senhores sabem se há algum livro aqui sobre a malícia da providência divina?”. Nós entramos em êxtase, a pergunta do homem era uma coisa tão maravilhosa! Ele a fez de propósito porque não esperou resposta, ele virou as costas e foi embora como se fosse um profeta que tivesse deixado aqui uma iluminação - “a malícia da providência divina”, era tudo o que a gente queria saber.

MR: Cyro, tinha um grupo de poetas: Ciro Pimentel, Domingos Paulielo, o Pedro e o outro?

CN: Todos passaram por aqui. O Péricles Eugênio.

MR: O Péricles já era bem idoso...

¹⁰ Fundação Armando Álvares Penteado



CN: Não era da nossa geração, nem o Jamil.

MR: Zé Mauro Vasconcelos. Não é o Vasconcelos, o que escreveu *Rosinha, minha canoa*. Como era o sobrenome do Zé Mauro?

CN: Zé Mauro Vasconcelos.

MR: Tem um humorista também com este nome, por isso que eu me confundo. Escreveu *Meu pé de laranja lima*; *Rosinha, minha canoa*, etc.

CN: Era uma figura deliciosa.

MR: Ele frequentava muito aqui, era muito presente.

CN: Nós tínhamos aqui um vizinho maravilhoso que era o Zé Geraldo Vieira, que morava em um apartamento em um quarteirão aqui ao lado e era casado com Maria de Lourdes. Eu cheguei da Europa e fiz uma exposição de pintura em uma galeria na São Luis e o Zé Geraldo escreveu uma crítica maravilhosa. Ele e o Geraldo Ferraz me “paternalizaram”. O Zé Geraldo insistia que eu passasse no apartamento dele e de vez em quando eu ia. Uma das coisas maravilhosas que eu tinha naquele apartamento era sentar diante de duas portas; uma era a do escritório do Zé Geraldo; outra era da Maria de Lourdes, os dois escreviam. Eu ficava lá sentado ouvindo o pingue-pongue dos dois, o Zé Geraldo perguntava: “Maria, o Pestalozzi disse o quê?”. Ela: “Não foi o Pestalozzi, foi...”. Um era o dicionário do outro, havia um pingue-pongue intelectual, inclusive de conceitos, não só de informações. Extraordinário! Um dia o José Geraldo me convidou para ir a um coquetel que ele ia oferecer para o William Faulkner e eu fui, todos os poetas estavam lá, os escritores de São Paulo estavam todos lá. Qual não foi a nossa surpresa quando o William Faulkner se deitou no chão e a filha que o acompanhava pisou nele. Ele tinha um problema de coluna e tinha que deitar, e ela pisava em cima. Para nós, ver o Faulkner deitado no chão já era uma loucura e a filha pisando nele então! Ele era um monstro sagrado para nós e tinha alguém pisando nele! Estava lá também a nossa

querida Lygia Fagundes Telles e o Faulkner olhava pela janela a Ladeira da Memória - título, aliás, de um livro do Zé Geraldo. Ele olhava pela janela a Ladeira e atrás dele o apartamento cheio de gente que foi lá para vê-lo, ele não dizia nada para ninguém. Ele estava entediado, talvez enfezado. Lygia tentou uma aproximação, ela disse: “*I am a writer*” e o Faulkner disse “Escritora? Por quê? Você é tão bonita”. Ela ficou puta da vida, ela ficou louca: “Esse idiota do Faulkner!”.

MR: Deixe-me complementar uma do Faulkner. Faulkner bebia muito - me contaram essa história: Ele estava no Hotel Jaraguá - onde é o Sofitel agora - estava muito embriagado, olhava a cidade e dizia: “Eu andei tanto para chegar em Chicago!”.

CN: Ele era do Sul dos Estados Unidos, da região dos negros, do Mississipi e realmente quando começaram a falar da segregação e a defesa dos direitos, esperavam que ele falasse alguma coisa válida, de uma nova liberdade para aquela região escravagista e ele disse: “Eu acho que todos vocês devem nos deixar em paz porque nós temos um sistema de vida aqui que será intocável por mais séculos”. Ele foi odiado por isso.

O que eu quero dizer é que este prédio foi a minha escola, devo tudo a isto e à leitura da Bíblia. Aqui encontrei os companheiros, porque o teatro só se resolve através de turmas teatrais e aqui nós nos “enturmamos”. Flávio Rangel estava aqui, o Maneco fazia adaptações de textos clássicos, o Antunes estava aqui.

DP: Isso foi um embrião, quer dizer, na verdade todos esses profissionais começaram nesse momento, eram jovens estudantes.

MR: Isso. Tinham 16, 17 anos nessa época.

CN: A maioria era autodidata, sobretudo o pessoal do teatro.

MR: O Antunes era um pouco mais velho; ele mente a idade, mas era mais velho. O Cyro também mente.



CN: Aqui em frente havia um teatro chamado *Novos comediantes*, onde hoje é um estacionamento. Um diretor grego veio para o Brasil e ficou aqui durante três anos, ele frequentava a Biblioteca e me convidou para fazer a cenografia de um espetáculo dele: *O Anfitrião*, de Plauto.

DP: E essa foi a sua primeira experiência? O senhor deu um salto.

CN: Não, a minha primeira experiência foi com o Flávio Rangel. Resolvemos fazer nosso primeiro espetáculo, o primeiro dele e o primeiro meu, nós fizemos um espetáculo num teatro na Vila Mariana, num teatro da Prefeitura.

DP: Paulo Eiró.

CN: Não, Paulo Eiró é na Avenida Santo Amaro, era numa travessa da Vila Mariana, não me lembro o nome. Nós fizemos um espetáculo com a direção dele e o cenário meu. Foi o nosso batismo de fogo.

Eu fiz *O anfitrião*, de Plauto com este diretor grego Zizos Charatsaris, numa segunda-feira ele me disse: “Estou voltando para a Grécia no sábado”. Aquilo me pareceu uma coisa insólita, um sonho. “Como você vai, de avião?”. Ele: “Não, eu vou de navio até Portugal e depois vou pegar um trem, faço a Europa toda até entrar na Grécia; o navio sai sábado de Santos”. Eu fiquei louco, e disse: “Vou tomar esse navio de qualquer jeito”. A minha situação era de penúria; para você ter uma ideia, quando um de nós tinha dinheiro, entrávamos no restaurante, um comia, os outros aproveitavam o pão com mostarda.

DP: Onde vocês comiam?

CN: Aqui em frente e na Xavier de Toledo, em frente ao que antes era a *Light* e hoje é um *shopping*. Havia um beco que eu esqueço o nome agora¹¹, onde havia um pianista nonagenário que tocava um piano com um som metálico. Nós entrávamos lá para tomar uma cerveja preta e ficávamos batendo papo. O Mainardi, este do

¹¹ Bar *Harmonia*



Carnaval Opus 9, entrava também, ele sempre solitário. Quando o pianista começava a tocar os primeiros acordes de *Lili Marlene*, primeira guerra mundial, ele não aguentava, a emoção dele era tão grande e você via ele sair correndo. Ele ficava lá fora até terminar *Lili Marlene* para ele não chorar.

MR: Eu me lembro desse bar, como era o nome dele? Os estudantes de medicina também frequentavam...

CN: O Jânio Quadros ainda com o paletó todo rasgado, quando ele ainda não era nem vereador, era professor de português.

MR: Cheio de caspa.

CN: Cheio de caspa, demagógico, terrivelmente.

MR: E o barzinho do Teatro Municipal, que era uma delícia.

CN: Esse foi um pouco depois, o mais antigo era este em frente a *Light*. Estávamos lá e estávamos realmente nos construindo e o “ectoplasma” do Mário estava ao nosso redor.

DP: E isso antecede a sua ida para a Faculdade de Filosofia?

MR: Ah, sim, é bem anterior.

CN: Tem uma outra coisa sobre o Mário que me pesou muito e que encontrei na Seção de Arte. Ainda existe a Seção de Arte?

MR: Claro.



CN: Era maravilhosa e só tinha dois leitores, eu e o Sérgio Milliet. Quando um livro ou uma revista chegava e tinha sido tirada, eu sabia que era o Sérgio e tinha que esperar ele devolver.

Uma coisa dita pelo Mário de Andrade foi fundamental para mim: “A história da arte se começa a ler pelo final”. Esta frase era um conselho fantástico. Nós tínhamos um contato diário com o que acontecia com a história da arte, que era melhor começar dali e voltar toda ela. Começar lá embaixo, no Oriente, passar pela Grécia e vir vindo seria um trabalho dobrado. Você compreendia já a estética e a teoria da arte se comesse pelo final. A nossa bíblia sobre estética era de um italiano chamado Benedetto Croce que escreveu um breviário sobre estética que logo alguém traduziu, não me lembro quem. A primeira frase do breviário do Benedetto Croce era: “O que é a arte? E poderíamos responder com uma brincadeira, mas não muito tola: “Arte é aquilo que todos sabem o que é”. Esse era o início do breviário de estética do Benedetto Croce, para nós foi uma leitura fundamental.

MR: Você disse isso em um programa seu da FM Cultura que você tem, chamado *Celebração do dia*.

CN: Isso. Eu acho que isto dá mais ou menos um perfil nosso, os amigos do Brás, Manoel Carlos, Maurício Tragtenberg, lá estava o Miele, Roberto Santos, começando a fazer cinema, Anselmo Duarte tinha uma camisaria, etc...

MR: Há um dado aí que eu acho muito interessante, você se lembrou de coisas que eu não me lembrava. Você tocou nessa autonomia, nessa busca, nessa inquietação que deságua numa rebeldia. Essa rebeldia se caracterizou aqui, ao meu ver, com o “Movimento de Revisão”. O “Movimento de Revisão” foi feito aqui dentro, neste auditório, em 1956 e uma parte desse grupo pretendia fazer uma revisão da cultura brasileira. Olha só o desafio monumental! Havia uma inquietação muito profunda, uma efervescência e uma ambição desmedida, fazer uma revisão do teatro, da literatura. Para a nossa surpresa isso teve uma repercussão nacional de mídia, de entrevistas - a televisão era nascente na época - eu virei meio estrela com o Rude



Marguerito¹², que foi um jornalista casado com a Alcione Abramo; que é viva e fez carreira na filosofia.

O “Movimento de Revisão”, de certo modo, tentou catalisar essa rebeldia procurando fazer uma revisão da cultura brasileira em termos ambiciosos. Eu diria que o Herculano Pires, na análise que ele faz em dez páginas na revista *Brasiliense* - editada pela editora Brasiliense, de uma vertente do Caio Prado e pelo Caio Prado Jr. que foi editor - fez uma análise muito própria; pertinente e muito lúcida. Ele captou essa efervescência, mas ao mesmo tempo a grande falta de embasamento, pretensiosa, de lastro. Valeu como um movimento de inquietação. No meu caso particular teve reflexos isto porque, entre outras coisas, nós apontamos alguns intelectuais que na nossa opinião eram desonestos, usamos um termo desabusado.

DP: Quem eram esses intelectuais atacados pelo movimento?

MR: Não me lembro todos, mas um professor meu fez greve contra mim. Ele era o meu professor de filosofia, ele se retirava por causa disso quando eu entrava na aula. O Lourival Gomes Machado era um crítico de arte, professor de política, eu estava matriculado e ele disse que não poderia dar aula para mim, eu disse: “sou obrigado a cumprir um currículo aqui”. Criou-se um impasse muito grande e ele se retirava da aula quando eu entrava. Eu dizia: “O problema é dele”. São coisas dos excessos da juventude. O Lourival, hoje eu reconheço, foi um intelectual importante, um adido cultural na Itália, acabou morrendo lá, posteriormente.

Quando eu fui a Moscou, fui delegado brasileiro no Congresso Mundial da Paz em 1962, eu acho que isso aconteceu em virtude dessa minha atuação aqui na Biblioteca. Nunca vi tanta gente importante na minha vida, a delegação brasileira era Di Cavalcanti, os Lins e Silvas. A nossa delegação estava no Clain Hotel ao lado da delegação cubana. O Raúl Castro era meu vizinho de apartamento. Os intelectuais cubanos da época, Juan Molinero, os poetas e o próprio Raúl Castro, o irmão estava lá. Eu fui acho que foi em decorrência de certo modo daqui. Nesse congresso para vocês terem uma ideia, eu nunca tinha visto tanta gente importante reunida: de um lado Sartre, de outro Pablo Neruda, o Margarida, toda a inteligência mundial de

¹² transcrição fonética do nome



esquerda presente. Acho que esse fato que me levou a ser admitido como um delegado brasileiro no Congresso Mundial da Paz – que na União Soviética parava, era um dos acontecimentos mais importantes. Uma das coisas mais emocionantes da minha vida foi na Praça Vermelha, as russas pedindo o seu autógrafa porque você era delegado do Congresso Mundial da Paz, ao lado do túmulo do Stalin e John Reed. O Lénin embalsamado e aquelas filas enormes. Um negócio realmente impressionante. De certo modo eu vinculo isso a isso.

Depois disso há um hiato; cada um tomou o seu rumo profissional. Em 1988 vai acontecer uma coisa que é a criação da Associação dos Amigos da Biblioteca Mário de Andrade. Por quê? Em 1950 não havia biblioteca, esta difusão cultural, São Paulo era uma província; em 1988 a coisa mudou, São Paulo era uma megalópole e nós sentíamos... devemos homenagear a Nina Rosa que era diretora na época e que teve esta percepção política de que a Biblioteca, seu quadro de funcionários e sua direção está subordinada a uma hierarquia dentro de uma secretaria, dentro de uma prefeitura, dentro de um organismo estatal, mas ela - dada às características e a importância que ela tem - deveria ter um braço político de apoio, um guarda-chuva que pudesse levantar bandeiras, teses, apoio, congregar e mobilizar pessoas e foi o que foi feito. Houve uma assembleia aqui – vocês têm a ata, está tudo documentado – e para minha surpresa, me elegem presidente, o que eu nunca aspirei.

DP: Nesse intervalo de 1950 a 1980 - trinta anos - você não teve mais uma relação constante com a Biblioteca?

MR: Não, porque cada um foi se dedicar à sua vida profissional: eu fui para o jornalismo, para a atividade de consultoria, tive inúmeras atividades, algumas executivas também. Foi o que ocorreu com todo mundo. Houve, de certo modo, um corte com esse cordão umbilical.

CN: Mas sempre demos crédito para a Biblioteca. Eu me lembro de um discurso que eu fiz recebendo do Jango o prêmio de melhor cenógrafo na VI Bienal de São Paulo e que a primeira coisa que eu disse foi: “Eu devo tudo a Biblioteca Mário de Andrade”, dei um testemunho da nossa formação aqui que foi tão fundamental.



MR: Exatamente. Eu fiz uma pré-reunião na minha casa, tinha umas cem pessoas, até precisou abrir portas, empurrar o pessoal. Inclusive o Rui Afonso Machado estava presente nessa ocasião. Nessa ata de assembleia de fundação está registrado que o grande número da intelectualidade paulistana estava presente aqui, estava cheio, lotado. Foi feita essa aclamação, eu estava em casa, me telefonaram em casa, eu moro perto, para que eu assumisse a presidência porque eu estava com outro compromisso. Está tudo documentado, quem foi a primeira diretoria. Então nós procuramos funcionar como um braço de apoio em paralelo com a administração, com a direção, pleiteando e fazendo reivindicações e pegamos como secretária a Marilena Chauí. Por sinal, na gestão da Erundina foi feita uma reforma aqui, hidráulica, a parte elétrica, bastante expressiva, ao final do mandato. A Marilena Chauí era na época a Secretária de Cultura e a Erundina, a meu ver, nem capitalizou politicamente isso, foi feita uma reforma expressiva na época quando anteriormente havia sido feita uma reforma no Teatro Municipal e o Jânio que fez um banzé, capitalizou, e no fundo nós sabemos que a reforma foi furada, inadequada, imprópria e insuficiente. O Guarnieri também pegou uma época dessa que ele foi Secretário de Cultura.

A Associação tinha por bandeira fazer as reivindicações em defesa do patrimônio, do aperfeiçoamento cultural e da melhoria da Biblioteca. Nós adotamos a seguinte política junto aos órgãos formais, a Secretaria de Cultura e órgãos políticos ligados à instituição e à mídia. Então levantamos, desfraldamos essa bandeira da necessidade e da defesa deste patrimônio junto à mídia - na época dei muitas entrevistas aos jornais, à *Folha*, a *O Estado de São Paulo*. Criava-se uma espécie de departamento de agitação política pró-biblioteca de um lado, e de outro lado agindo dentro dos canais formais junto à Secretaria. No esquema formal conseguimos, na gestão da Erundina e da Marilena Chauí, uma reforma que foi realizada aqui. E em relação a sua pergunta, eu não sei se lembram, ninguém imaginava que a Erundina fosse ganhar, como presidente da entidade, nós fizemos uma ponte antes das eleições com todos os candidatos, colocando uma pauta de reivindicações a cada um, inclusive a Erundina, que não era a favorita. Nós estávamos cercados politicamente, com quem vencesse, já tínhamos tido um canal aberto para poder depois cobrar. Foi o que ocorreu, a Erundina venceu e foi uma



grande surpresa; houve uma virada em setenta e duas horas, as pesquisas da época demonstram. De forma que isso nos facilitou muito as reivindicações. E a Marilena, como havia frequentado aqui, ela tinha uma grande afetividade, ela se formou aqui também, de certo modo. Isto nos facilitou muito. A meu ver a Erundina não capitalizou suficientemente isso, aliás foi no fim do mandato dela.

Posteriormente entra uma nova gestão e entra o Rodolfo Konder como secretário. Nas reuniões que tive com ele - e quando digo eu, me refiro à nossa diretoria da Biblioteca, inclusive a Nina Rosa. Nessa época a Secretaria de Cultura estava na Rua Frei Caneca, as reuniões eram realizadas lá. E foi a primeira vez que eu e todo mundo presente ouvimos falar em uma pessoa chamada Pitta. A gente falava para o Rodolfo: “Tem que entrar dinheiro, precisamos de recursos” e ele dizia: “Mas o Pitta...” e nós dizíamos: “Quem é Pitta?”. O Pitta era o Secretário de Finanças, ninguém sabia quem ele era e ficamos sabendo que o Pitta era o homem do cofre.

A Associação atuou efetivamente; por exemplo, o nosso vice-presidente foi o Pedro Herz, da Livraria Cultura – que, por sinal, é meu vizinho de apartamento, mora no mesmo prédio que eu. A Marília Carvalho Franco era a diretora administrativa; o Diretor da Sociedade Brasileira do Progresso e da Ciência, que era... Enfim, foi um grupo de denodados que se reunia semanalmente com grande sacrifício pessoal. Nesse ínterim nós decidimos criar – isso foi uma coisa, ao meu ver, muito original, não tenho conhecimento disso ter ocorrido no Brasil – a formação de um corpo de voluntárias culturais. Tem a ata de fundação, com os nomes. Até seria interessante um dia reuni-las e rememorar junto com os bisnetos.

DP: Como foi essa experiência?

MR: Eu estava escrevendo nessa época no *Shopping News* e nós fizemos um anúncio de convocação de candidatas ao voluntariado cultural na Biblioteca Mário de Andrade, e vieram dezenas de pessoas; nós selecionamos e demos posse aqui neste auditório. Até minha filha Juliana foi madrinha dessa turma, ofereceu um buquê de flores a essas moças, senhoras. E elas constituíam um braço auxiliar dessa política da Associação que agia junto à mídia, junto à opinião pública, junto



aos poderes formais. É um caso interessante, eu até gostaria de ver depois, lembrar todos os nomes que participavam. E elas representavam a Biblioteca em atos públicos, atos culturais, marcavam a presença da Biblioteca através destas senhoras.

DP: A captação de recursos, a criação da Associação, facilitou a entrada de dinheiro para a Biblioteca prescindindo portanto da dotação da municipalidade?

MR: Eu acho que não houve uma entrada, doações diretas, o que houve foi uma sensibilização dos poderes que facilitavam em termos orçamentários para socorrer e atualizar o acervo, que é muito carente.

DP: Isso é importante, Mauro, eu acho que seria oportuno ambos falarem um pouco da qualidade do acervo quando vocês chegaram aqui. Qual era o diferencial do acervo? Quando ele começou a ficar defasado em relação aos novos títulos?

MR: Nós temos uma queixa com nosso amigo que tem grandes predicados e eu, em alguns aspectos, sou grande admirador do Mário Chamie. Na realidade ele criou o Centro Cultural, o projeto é do Eurico Prado Lopes, que foi casado com a Veridiana Prado, a neta da dona Veridiana que, aliás, eu conheço pessoalmente. O Eurico morreu em uma situação muito trágica, ele dirigia a 200 km por hora e entrou embaixo de um caminhão, mas enfim, o projeto é dele, esta lá e nós fizemos muitas críticas na ocasião, porque vazava, entrava água.

O que aconteceu é que o nosso acervo foi sangrado, criaram uma biblioteca lá porque não havia, “desvestiram” um santo para vestir outro. Houve um mal estar, um desconforto muito grande em relação ao Mário Chamie porque ele transferiu parte do acervo para lá, o que sangrou o nosso acervo. Até hoje a Biblioteca deve estar ressentindo porque não houve uma reposição. A Biblioteca é carente dessa agitação junto à opinião, dos poderes, da mídia, de que precisa atualizar e informatizar o acervo da Biblioteca, é essencial, ainda está no sistema de ficha não está?



DP: Só 30% [do acervo] está informatizado.

MR: Na ocasião nós estabelecemos um contato, eu fiz uma reunião com um desses cartões, não me lembro se foi Visa ou Credicard, para que eles bancassem um projeto de criação do restauro, instituição do restauro aqui, mas os valores desse orçamento de restauro eram tão imensos, era assombroso o custo disto, que infelizmente não foi possível. Mas houve tentativas, reuniões sucessivas, exames para que fosse feito isso. A Associação teve esse papel, funcionou como um órgão de reivindicação, de consciência das necessidades da Biblioteca. Era um guarda-chuva que integrava a direção e o corpo de funcionários, sua estrutura, sua organização e fazia a outra balança do pêndulo, porque era uma entidade que tinha legitimidade e poder de falar com a opinião pública e com a mídia. Um diretor da Biblioteca não pode ultrapassar, pular sua hierarquia e ir lá falar no jornal e dizer que aqui está com deficiências, isso sofre de certas limitações. A Associação justamente criou esses canais de comunicação com a opinião pública, com a mídia. Por isso que ela teve, a meu ver, um papel muito importante, nós já demos a nossa contribuição, acho que caberia aos jovens, que as gerações novas assumissem e prosseguissem com a bandeira.

DP: Ainda temos muitas coisas para trabalhar, se vocês estiverem dispostos.

CN: Eu só queria dizer duas coisas. Fico comovido pela contribuição que o Mauro e alguns amigos fizeram pela Biblioteca Municipal. Em primeiro lugar quero dizer que acho, presenciei, trabalhei junto: o Mário Chamie foi, depois do próprio Mário de Andrade, o melhor Secretário de Cultura que São Paulo já teve, independente do caso particular aqui. Ele tinha um ponto de vista que era a expansão de novos centros culturais pela cidade de São Paulo, talvez isso tenha prejudicado o acervo.

Outra coisa que eu quero dizer é que, em um momento de loucura, eu e alguns amigos, durante algumas semanas, perseguimos o crescimento de uma árvore atrás da Biblioteca Municipal. A árvore crescia, crescia e tinha um galho enorme, acho que era o período, não sei se era primavera ou outono. Havia um galho enorme e que cada vez que nós íamos sentar lá atrás para bater papo e



depois tomar um café, o galho da árvore estava ficando cada vez maior, e caindo, até que encobriu a cara do busto do Mário de Andrade. O que é que a gente faz? Será que a Prefeitura não poda? O Mário sumiu e o busto dele estava coberto! Pensamos: “Vamos cortar o galho?”. O galho era forte e precisava de um serrote, então resolvemos fazer outra coisa: tirar o busto do Mário de lá. Vocês conhecem essa história?

MR: Eu não conheço.

DP: Vamos socializar essa história!

CN: Eu, Manoel Carlos e um assistente meu - eu era diretor de arte da TV Excelsior, em 1962. Eu parei o meu carro próximo, abri a mala e fomos lá, duvidando a respeito da segurança do busto; talvez estivesse parafusado na base de concreto e não desse para tirar, e como era só uma casca do busto, nós pegamos o busto e colocamos no meu carro e fomos embora. No dia seguinte, os jornais falavam do roubo do busto do Mário de Andrade, da Biblioteca Municipal. Esse busto, à noite, nós deixamos na casa do Tide, meu assistente na TV Excelsior, e ficou lá, ele deixou na garagem. No dia seguinte, no café da manhã, o pai dele abriu o jornal e disse: “Olha que loucura: roubaram o busto do Mário de Andrade. Que vergonha! Deve ser malandro, gente desqualificada. Onde a gente vai parar?”; e o busto estava na garagem dele! Dias depois nós pegamos o busto e deixamos na entrada da Via Dutra em um lugar bem visível e o busto voltou. Eu não sei se o busto está aqui atrás.

MR: Está.

CN: Está. Devem ter parafusado agora e tirado a árvore.

MR: Não era pesado?

CN: Não, era uma casca e todo vazio. E era Brecheret!



MR: Eu já pensei em levar para casa.

CN: Essa foi a contribuição rebelde a respeito de Mário. Uma contribuição muito mais modesta e humilde do que essa contribuição que o Mauro Rubens fez, nós apenas ficamos escandalizados com o Mário coberto e resolvemos livrá-lo.

Eu quero dizer também que anos depois eu entrei aqui e fui ver a Seção de Revistas e Jornais aqui embaixo e não havia. Ainda há?

DP: Sim, mas ela tem falhas, as coleções estão incompletas...

MR: Eu quero dizer também que indo à Europa eu me casei com uma alemã que vivia no Brasil e que eu encontrei no navio, foi mais tarde mãe de cinco filhos meus. Eu a encontrei nesse navio para a Europa, ela foi para a Alemanha, eu fui para a Grécia, ela foi para a Grécia e nós nos casamos lá debaixo da Acrópole. Ela ficou muito impressionada porque ela tinha sido aluna de uma *Kunstakademie* - uma academia de arte na Alemanha - seus professores tinham sido Franz Kline, Baumeister, etc. Ela ficou espantada com a minha informação sobre história da arte e história, e os artistas contemporâneos, tudo por causa da Seção de Arte. A Seção de Arte era uma obra prima, as melhores revistas do mundo chegavam aqui.

DP: Você lembra de alguns títulos?

CN: Arte na América, *Art Now*, “*Kunst* não sei o quê”; revistas alemãs, revistas francesas, diversas revistas. Eu era só, porque a minha turma toda era da literatura, do teatro literário etc. O teatro, do ponto de vista das artes plásticas, era comigo, eu e o Sérgio Milliet. De vez em quando o Sérgio entrava e eu pensava “eh!... vai pegar alguma coisa boa aí”. Depois eu fazia questão de saber o que ele tinha devolvido. Eu tinha uma grande admiração pelo Sérgio por duas razões: primeiro porque o Mário de Andrade disse que o Sérgio o colocava sempre em uma ilha de dúvidas - o que é maravilhoso! Outra coisa que me impressionou muito no Sérgio foi o título de um livro dele, é um dos títulos mais lindos da literatura: *O Sal da Heresia*. Não é



belíssimo? É um livro do Sérgio. Ele era uma figura francesa, ele usava sapatos franceses com uma bota de borracha grande, pisava como se fossem patas de elefante, ele atravessava sem cumprimentar ninguém, muito sério e falava pouquíssimo. A saída dele era sempre um momento. Ele era uma figura entronizada aqui.

DP: Vocês chegaram a estabelecer uma relação direta com ele?

CN: Eu não.

MR: Eu tive.

DP: Gostaria que você contasse um pouquinho como era...

MR: O Sérgio... Eu sentia nele um ar muito paternal. Tanto que ele cedeu... Veja, ceder o auditório para um ato de rebelião precisa de uma formalidade, requerimento...

CN: Você sabe que ele perdeu um filho, não é?

MR: Sim, o Paulo Sérgio, que era um poeta, morreu muito novo, com uns 21 anos. Isso o marcou muito, ele sofreu profundamente isso. Comigo ele tinha uma relação muito paternal, muito carinhosa, muito terna, me olhava – para a minha grande surpresa – com muito respeito. Em torno da Biblioteca havia bares que nós frequentávamos, tinha o Pari Bar e o Leco, um lugar agradável que todo mundo ia, e o jardim.

CN: Este jardim era maravilhoso. Houve uma revolta quando botaram o Cervantes sentado, parecia que ele estava sentado em um vaso sanitário.

MR: O nosso “peripatético” foi neste jardim. Aqui não havia esse prédio, onde está a Galeria Metrôpole era um laboratório, era um casarão meio germânico. Do outro



lado, onde está o prédio do Artacho Jurado, o rosa, era uma chácara, era a morada do embaixador José Carlos de Macedo Soares. Lá na esquina, onde está o Zarvos, era um casarão velhíssimo, caindo aos pedaços, que era a Rádio América. Isso não existia. Existia esta galeria aí, a Agir, havia o Pari Bar, o Leco, que nós frequentávamos muito e que era bem mais popular e, na Avenida São Luis, o Mirim e o Barba Azul, onde a gente tomava chope e o pessoal da Filosofia vinha aí.

CN: Logo depois da Rádio América havia um teatro do Walter Pinto, o Revistas.

MR: E o Teatro Odeon, onde está a Rua da Consolação, era estreita, tinha um bonde, o Fernando Henrique tomava um bonde na Vila Buarque para ir à Faculdade de Filosofia, na Maria Antônia. De forma que, imagine, são 50 anos, Cyro, isso mudou tremendamente, meio século!

MR: Para mim 55 anos, eu tinha vinte e poucos anos.

DP: Então, na verdade, a solidão que você disse que inicialmente vocês sentiam antes de entrar na Biblioteca foi totalmente minimizada?

CN: Sim. Isto era um útero.

DP: Quais eram os momentos de silêncio aqui na Biblioteca? Como era essa rotina? Tinha um grupo que frequentava a coleção geral, que acessava o acervo e você que tinha este privilégio?

MR: Tinha o grupo da canalha científica, que era o pessoal da medicina e da engenharia que frequentava, era outro grupo paralelo.

CN: Havia uma figura que não usava meia, já mais velho do que nós, que insistia em ler com um ruído os grandes volumes da *Suma Teológica* de São Tomas de Aquino. Você lembra dessa figura?



MR: Lembro.

CN: Quem era?

MR: Era o...

CN: Ele só lia a *Suma Teológica* de São Tomas de Aquino.

CN: Era uma figura. E depois outra figura, que era o nosso amigo que foi preso lá no Paraná com os papéis da doca de Santos. Qual o nome dele?

MR: O Antônio Carlos.

CN: Antônio Carlos Malimpense¹³.

MR: Ele acabou condenado, não é?

CN: Ele vinha a São Paulo, ia para hotéis, entrava com uma mala pesadíssima e mandava guardar no cofre. A mala tinha tijolos dentro e todo mundo pensava que ele tinha títulos, papéis, dinheiro e joias e não era, eram tijolos. Essa era a garantia dele, depois ele sumia. Mas ele era um de nós. Você tem dúvida! Ele era um de nós!

MR: Tinha o João Cândia, que fez carreira na psiquiatria.

CN: Que tinha uma namorada belíssima, que todo mundo desejava a namorada dele.

MR: A Isabel, que era a musa, linda. Tinha a Iolanda Santos¹⁴, que era filha do professor Mario Ferreira dos Santos, se aposentou na cadeira de antropologia. Eu

¹³ Transcrição fonética do nome



tenho trabalhos dela em casa, de gravuras sobre motivação étnica indígena da Ilha do Bananal.

CN: Foi professora da USP, não é?

MR: Foi, ela se aposentou lá, a Iolanda.

CN: Mauro, me diga uma coisa: quem sucedeu o Sérgio?

MR: Não sei, daqui não sei.

CN: Você sabe quem é, tinha uma mulher belíssima, que trabalhava aqui também.

MR: Era o Delia¹⁵.

CN: O Delia!

MR: O Antonio Delia, que era namorado da Marília, que era uma mulher muito bonita que era funcionária aqui também.

CN: Ele saía às cinco e meia da tarde e nós já nos postávamos, porque atrás dele, a dois metros, vinha - não sei se era a mulher ou a amante dele. O Delia nós nem víamos, só víamos aquela mulher. Eu acho que ela era funcionaria daqui.

MR: Era funcionária. Havia muitas lindas, como todas as funcionárias presentes.

DP: Este é um ponto interessante de vocês nos trazerem. Como era o funcionamento da Biblioteca em termos de atendimento ao público, em termos da qualidade da mão-de-obra?

¹⁵ transcrição fonética do nome



MR: Era uma relação coloquial, de cumplicidade, porque nós estávamos sempre aqui. A gente saía para tomar café toda hora. Tinha uma ficha para tomar café. Ainda tem uma ficha para sair para tomar café aqui? A gente recebia aqui uma fichinha para retorno. Não tem mais isso aqui?

DP: Para os consulentes, eu não sei, mas acho que deve manter, porque todo procedimento é um procedimento arcaico, então deve se manter.

CN: Os funcionários de guarda-pó, eram maravilhosos e nos reconheciam porque estávamos aqui todo santo dia.

DP: E o espaço físico no qual vocês travavam esses debates, esses diálogos, essas trocas?

CN: Ao redor da estátua.

MR: No saguão.

CN: E havia um louco que apareceu e só pensava...

MR: E o Melo? Não era do Melo que você estava falando sobre a *Suma Teológica*?

CN: É o Melo! E havia um doido que apareceu aqui, cujo interesse dele era exclusivamente pelas ações da esquadra americana no mediterrâneo. Lembra da figura?

MR: Não!

CN: Ele era neurótico e andava de um ponto ao outro em linha reta, na frente da Minerva. De sacanagem, a gente levantava e ficava na linha dele. Ele parava atrás de você e ficava esperando você sair, porque ele só andava naquela linha, pensando no movimento da esquadra no mediterrâneo. Era uma peça! Como você



vê, havia um clima afetivo tão grande que podia absorver afetivamente até um neurótico daqueles. Ele estava em casa.

MR: É verdade. A frequência era muita heterogênea. Tinha o pessoal da outra ala que fazia parte da área de física, o Gerard, o pessoal da história natural, o barão, o De Fiore que foi do Ministério da Cultura do Welford.

CN: Mas eu discordo em uma coisa de você.

MR: O quê?

CN: Nós não éramos classe média ascendente, não todos.

MR: O que é que era?

CN: A ascendência que nós tivemos, ora você veja o Maurício e eu, nós éramos de famílias paupérrimas do Brás, descendentes de italianos. Eu nasci no Largo da Concórdia. A nossa ascendência foi feita por nós mesmos, e não era financeira, era intelectual.

MR: Não, o Dante, o Ian não era. Eu venho de uma família de militares.

CN: Alguns não eram realmente.

MR: Digamos meio a meio, Cyro.

CN: Muitos de nós fizemos a nossa ascendência.

MR: Aqui houve um convívio. Hoje, por exemplo, pelo que o Rodolfo Konder disse que quando ele era Secretário, contando todos os eventos diários, tem quatrocentos acontecimentos por mês no âmbito da Secretaria de Cultura, é uma coisa de louco. Isso, antigamente não havia. Há uma característica, não havia esse conceito, aqui



era uma biblioteca de leitura, não tinha este negócio de atividade cultural, de piano, de canto, era literatura pura.

DP: E o auditório era usado?

MR: Só excepcionalmente em uma coisa literária.

CN: Aqui, uma das coisas fundamentais na minha vida que eu vi foi Cecília Meireles. Ela fez uma conferência aqui e eu me lembro que ela disse o seguinte: “Todos nós somos fisicamente poliédricos, há parte de nós que nós não conhecemos e nem vamos conhecer, porque um poliedro não pode olhar-se pelas costas”. Anos depois, para refazer uma foto que Bento Prado Jr., Manoel Carlos, Flávio Rangel e eu fizemos na Praça da República – Flávio já estava com câncer e ele iria morrer dali a um ou dois meses – nós nos encontramos no Rio de Janeiro em um hotel e o Maneco levou um fotógrafo para refazer na mesma posição a foto da Praça da República, e fizemos. Estava lá o Bento, eu morava no Rio - era diretor da Globo - Bento ia passar pelo Rio de Janeiro, então nós marcamos a oportunidade. Eu perguntei para ele: “Bento, o que você está fazendo no Rio?”. Bento: “Vou fazer uma conferência aí.” - “Conferência sobre o quê?” - “Um título que eu tenho para uma conferência.” - “Qual é?” - “O ponto cego no nosso conhecimento” - “E qual é o ponto cego?” - “O complexo de Édipo”. Engraçado, eu vi uma conferência da Cecília Meireles sobre a impossibilidade de ver um ponto e é o complexo de Édipo. Bom, o fotógrafo refez a foto e sumiu. Nós nunca vimos a foto. E o Maneco é que tinha encontrado o fotógrafo. Ele falou: “Eu encontrei um fotógrafo em Copacabana...”. Então não houve a foto.

DP: Teve esse período que você se afasta da Biblioteca quando você vai para a Grécia, a tal viagem que você encafifou que iria, foi a viagem que de fato você realizou?

CN: Não conseguia dinheiro e aí eu fui ao Brás onde havia uma metalúrgica, porque me disseram para pedir dinheiro para o dono da metalúrgica que era o Ciccilo



Matarazzo. Eu cheguei lá para falar com o Ciccilo e ele disse: “O que é que você quer?”. Eu disse que precisava de dinheiro para ir embora para a Europa: “Eu sou pintor e no sábado sai um navio para a Europa, até Portugal, e eu não tenho dinheiro para ir, eu precisava de uma passagem para ir embora”. Ele me perguntou: “Quem te mandou aqui?”. Eu disse: “Foi o Alfredo Volpi”. Ele chamou a secretária e disse: “Dá uma passagem de navio para esse rapaz aqui”.

MR: Foi o Ciccilo?

CN: O Ciccilo me deu a passagem. Eu entrei no navio para a Europa com um terno marrom que o meu pai pagou a primeira prestação, que era para eu ir para a Europa. Entrei no navio sem um centavo para pagar um café. Isso foi em 1956. Em 1965 apareceu uma dívida minha com a Casa Isnardi¹⁶, de um terninho que eu tinha comprado. E vocês não sabem com que satisfação eu paguei aquele terninho.

DP: Então você não esteve no momento em que o “Movimento de Revisão” começou a se formar?

CN: Não.

MR: O Cyro estava fora.

DP: Vocês aludem a ele a presença, mas é uma presença invisível?

CN: Exatamente.

DP: Então eu queria que você contasse um pouquinho como se deu o embrião desse movimento e como que ele culminou na noite...

MR: Foi por geração espontânea! Eu acho que essa inquietação toda, a efervescência, ideia era reformular a cultura brasileira.

¹⁶ transcrição fonética do nome



DP: Com quem você estava dialogando naquele momento?

MR: Quem tinha? Rude Marguerito, Bento. Pedro estava presente e era oposição. Foram feitas duas noites de revisão aqui dentro. A primeira tendo em vista uma reavaliação da cultura brasileira, especialmente da literatura, que nós achávamos que estava um pouco alienada da realidade. Aliás, o Mário de Andrade tem uma frase famosa, uma conferência que ele fez no Ministério de Relações Exteriores, que eu acho que foi, de certo modo, inspiradora desse movimento, sem termos formalizado, mas acho que ela estava presente subjacentemente. Nessa conferência o Mário de Andrade diz o seguinte: “Não fiquemos como espões camuflados olhando as multidões, marchemos com as multidões”. Nesse sentido de estar presente acompanhando uma realidade nacional efetiva.

Naquela época nós percebíamos que depois do romance de 1930, do nordeste, a literatura brasileira cai em uma certa alienação abstrata em termos de não consciência da realidade nacional. Eu acho que ocorreu isso. Houve uma tentativa de recolocar a importância desta realidade e achei que fosse emblemático, naquela ocasião, citarmos a figura do Visconde de Mauá, que foi curiosamente colocada, porque ele de fato representou a consciência de um capitalismo nacional, autônomo, emergente e independente. Nesse particular, o Herculano Pires toca nesse ponto, ele se apercebeu, ele era um homem muito lúcido e, para quem não sabe, ele foi um dos teóricos e fundadores do kardecismo no Brasil; foi um jornalista muito importante e militou nos *Diários Associados*. E eu indiretamente fui meio repórter, meio “foca” dele.

DP: Isso depois desse artigo que ele publica?

MR: Como repórter eu acho que eu fui antes, porque eu tinha substituído o Perseu Abramo no jornal que existia, *A Hora*, era um tablóide, depois eu fui para *O Tempo* e circulei um pouco nos *Diários Associados*, onde o Herculano Pires era um redator importantíssimo e um intelectual de muito peso, um crítico muito sério, lúcido, severo e equilibrado. Até hoje me desvanece muito ter recebido dele – eu, um garoto de 21



anos - uma análise de dez páginas. Isso do Herculano Pires é uma honra e muito gratificante que eu carrego internalizada muito fortemente. De modo que o “Movimento de Revisão” teve essa característica.

E em um segundo momento houve uma tentativa – digo tentativa porque faltava base efetiva de uma revisão do teatro brasileiro. Porque o teatro na realidade, as origens, as raízes dele são populares e há inclusive raízes populares em todo o teatro português, ligado ao povo, aos autos etc. Houve falta de bagagem suficiente e o Décio de Almeida Prado estava presente e alguns mais que olharam com muito carinho paternal, mas... O Oduvaldo Vianna Filho parece que estava presente também.

CN: Filho?

MR: O Vianinha. Não sei se o Antunes estava presente; Maria de Lurdes Teixeira estava. Enfim, o que ocorreu, visto desta ótica de quase cinquenta anos passados, é que houve na mídia uma repercussão tremenda. O Vinícius de Moraes veio a São Paulo, estava no Museu de Arte – o MASP não estava na Paulista, era na Rua Sete de Abril, no prédio dos *Diários Associados* e lá funcionava também a Cinemateca e o barzinho do museu onde todos se reuniam: o Volpi, o Ciccillo, Aldemir Martins, todo mundo estava lá presente.

CN: Era outra escola nossa.

MR: Era outra escola, era um grupo já de artistas consagrados e consumados. O Vinícius estava aqui e colocou como prioridade me conhecer por causa do “Movimento de Revisão”. Porque houve uma repercussão muito grande, o Cyro não estava aí presente. De repente eu virei até personalidade conhecida. Tinha também o Clubinho dos Artistas, ali na Rua Rego Freitas, o pessoal saía desse bar e ia para o outro - o Arnaldo Pedroso Horta, Delmiro Gonçalves, o próprio Wladimir Herzog – a última vez que eu o vi foi aqui no barzinho. De forma que houve essa repercussão, vinham repórteres especializados me entrevistar sobre o movimento, porque



realmente tinha alguma coisa de validade: essa problemática que o movimento levanta. Infelizmente no grupo o pessoal era muito jovem.

A importância do movimento pode ser medida pela primeira frase que o Herculano Pires diz no artigo dele: “que não fora tão jovem e tão ambicioso teríamos criado uma revolução cultural tão importante como a Semana de Arte Moderna de 22, mas...” e aí vem os condicionantes. Foi aqui neste auditório, onde estamos sentados, que há 50 anos se fez o “Movimento de Revisão”, que aqui se formou a Associação dos Amigos da BMA, aqui se formou o corpo de voluntárias culturais da Biblioteca. Tudo ligado a este espaço.

DP: Justamente nesse artigo do Herculano Pires, ele faz uma ressalva em relação ao “Movimento” que é o fato de que ele adverte da necessidade imperativa do diálogo constante entre as gerações. Ele achava, enfim, que vocês tinham desconsiderado tudo que já tinha sido feito e que havia uma atitude impertinente, iconoclasta. Então eu gostaria de saber como vocês, naquele momento, receberam essa crítica.

MR: Essa crítica foi posterior, porque esse artigo foi feito um ano depois, porque a revista foi lançada um tempo depois. Houve na época – o Cyro deve estar lembrado disso – *O Estado* publicou “Plataforma de uma Geração”, num período anterior, acho que foi em 1945, feito por um jornalista, o Mário Neme - isto existe em livro e deve ter aqui - que foi o depoimento de todos os intelectuais da época sobre o que tinham a falar, inclusive Antonio Candido de Melo e Souza.

CN: Deram uma epígrafe com um poema do Drummond para ele.

MR: Drummond como poeta, Hermann Hesse com *O lobo da estepe*, e Antonio Candido, na minha geração, logo após na Filosofia, ele é a maior influência, o maior professor e a maior clarividência, o homem mais lúcido que eu já vi. Tudo está resolvido, articulado e translúcido na cabeça dele, é impressionante o Antonio Candido.



Eu estava conversando com o José Neinstein, que é um crítico que fez filosofia na nossa época e há trinta anos dirige em Washington a Associação Cultural Brasil – Estados Unidos, que faz a difusão da literatura e da língua portuguesas nas universidades americanas. Em certa ocasião, há alguns anos atrás, eu fui levar o José Neinstein de volta e estávamos comentando sobre os professores, ele circulou na Alemanha, nos Estados Unidos, nunca houve, dificilmente vai haver um professor com a clareza, a simplicidade, a humildade dele. Em uma aula do Antonio Candido você sentia se tivesse uma mosca a voar, era um estado de inspiração, é impressionante! Ele foi meu professor de organização social, porque ele se origina na sociologia, ele só vai para a literatura posteriormente; ele perde um concurso de uma cátedra, até hoje muito polêmico, e ele começa em Assis e ele começa a carreira literária e acadêmica lá.

Eu estava me referindo a esse diálogo de gerações – que é a sua questão – no nosso caso não era para ter diálogo, era para ter ruptura, então, posteriormente, essa ruptura vai ocorrer, evidentemente não tendo por fonte o “Movimento”, mas essa geração subsequente vai gerar uma ruptura com o concretismo, o neo-concretismo, com o movimento do Caetano. Como é?

DP: O tropicalismo.

MR: Com o tropicalismo e várias vertentes que, de certo modo, no caso do tropicalismo, é um reencontro com essas raízes.

DP: E inclusive eu tinha colocado isso - esse embrião do “Movimento de Revisão”, que ficou como o início de um movimento interessante de renovação da cultura nacional, você acha que depois ele foi reapropriado, recolocado em outras bases, por exemplo pelo movimento tropicalista?

MR: Não vinculados, o Movimento de Revisão teve uma certa geração espontânea e teve um momento de vida e morte em si. Os outros movimentos são de gerações de outros tipos, de outras áreas. Não houve essa continuidade, essa ressonância. Mesmo porque, pela característica heterogênea do grupo, por exemplo, o Cyro



estava envolvido com cenografia, com artes plásticas; cada um com áreas muito distintas. O grupo também era muito heterogêneo.

CN: O Piva estava envolvido nisso?

MR: Não, depois, talvez. Daquilo resultou criminalistas, especialistas em administração pública, políticos, quer dizer, era muito heterogêneo.

DP: Mas vocês se sentem como parte de uma geração que partilha os mesmos valores, os mesmos significados, as mesmas utopias?

MR: Sim, mas o preço foi alto, porque na minha geração, todas as nossas bandeiras e todos os nossos ideais e as nossas utopias morreram, foram liquidadas e não sobreviveram, alguns de modo trágico. Na nossa ditadura, muitos da minha geração, da Filosofia, morreram em combate, morreram nas masmorras da ditadura. A Faculdade de Filosofia, especialmente Ciências Sociais, foi um centro de resistência muito forte, muitos tombaram, tanto que no prédio da Maria Antonia agora está lá um centro cultural que foi reconquistado, porque aquilo tinha virado junta comercial. Então está lá “pelos que tombaram contra a ditadura”. Para nós, que acreditávamos na liberdade, no socialismo – veja o caso da União Soviética, Stalin, etc. – foi uma decepção, uma desilusão, uma perda de utopia tremenda.

Embora muitos de nós, como o Cyro coloca, eram meio autônomos, “meio cruzado sem cruz” para usar o termo do Artur Casiler¹⁷, mas... O Cyro fez mais a linha artística, mas eu, que vinha da sociologia, estava com uma consciência política mais ativa: estive em Moscou e conheci a Universidade Patrice Lumumba que formava os quadros da revolução africana em Moscou, a maioria tombou, a maioria morreu, foi trucidada, liquidada. Não sei se o Cyro pegou essa época... O Muro de Berlim, eu estava em Berlim e assisti a uma das noites que comemorava a separação, foi uma coisa terrível, a cidade toda entrou em profundo estado de depressão.

¹⁷ transcrição fonética do nome



Quer dizer, nós que perseguimos a igualdade do homem, tudo isto acabou: o socialismo; o capitalismo brasileiro deu nisto que está aí; a perda do poder do Estado; a economia sendo apossada por grupos neo-liberais.

DP: 1964, como foi? Você estava fora, Cyro?

CN: Não, eu estava aqui.

DP: Eu queria que ambos falassem um pouco em termos da vida artística, da vida intelectual.

CN: A minha atividade não era da administração, a minha atuação era prática. Eu era pombo correio, levava atores para a Bolívia em um fusca, era bravo. E muita violência, depois, foi uma coisa terrível. Eu me lembro de uma noite, já no dia dois de abril, eu morava em Santana e me aparecem o Juca de Oliveira e o Guarnieri. “Tudo bem com vocês?” - “Tudo tranquilo, tudo bem. Mas, escuta, Cyro, você tem um carro?” Eu disse: “Tenho um fusca” - “E ele está bom?” - “Sim, está bom, por quê?” - “Está tudo bem, mas nós estamos pensando em ir para o Mato Grosso e atravessarmos para a Bolívia”. E nós saímos à meia-noite e foi uma viagem complicada, encontramos o exército, com carabinas embaladas, etc. Na margem do Rio Paraná, estava Juca na frente comigo e Guarnieri atrás, tinha alguns soldados do exército e um deles se dirige ao carro e pergunta: “Aonde vocês vão?”. Eu disse: “Nós vamos atravessar o rio, temos amigos lá na cidade” - estávamos apavorados - e o soldado nos disse assim: “Vocês me dão uma carona?”. O Juca passou para trás, o soldado sentou na frente, o fuzil para fora, com a baioneta, e nós o levamos até o outro lado do rio. E aí fomos procurar um ator do Arena que nesse momento era prefeito na cidade da represa - não é Volta Redonda, é Urubupungá – ele era prefeito de Urubupungá, ele era do Arena.

Eu parei o carro na esquina, o Guarnieri tinha o endereço dele, e fui a pé para falar com ele, porque eu sabia que a situação era brava. Ele disse: “Cyro, o que você está fazendo aqui?”. Eu disse: “Estou de passagem; eu estive aqui na inauguração de Urubupungá, fui eu que fiz a festa aqui e tem um pessoal aqui que



eu conheço”. Quando eu disse a ele que na esquina estavam Guarnieri e Juca, ele ficou pálido e disse o seguinte: “Cyro, você vai fazer um favor para mim: sai daqui, desaparece com eles, porque a situação aqui está brava e eu sou prefeito da cidade”. Eu disse: “Eu entendo perfeitamente, está bem.” Eu me despedi e voltei para o carro. Quando eu cheguei no carro o Juca e o Guarnieri estavam querendo saber o resultado, o que eu havia resolvido; quando eu contei, naturalmente sobraram palavrões a respeito da mãe daquele prefeito de Urubupungá.

Aí eu me lembrei de uma máfia a qual eu pertencço; eu disse: “Espera um pouquinho, eu vou dar um jeito”. Porque nós queríamos saber como e onde atravessar para a Bolívia e eu procurei uma igreja e havia uma Igreja Prebisteriana – eu sou prebisteriano de quarta geração – e tradicionalmente na época, hoje não, havia uma casa pastoral atrás do templo e o pastor vivia nessa casa pastoral. Eu quis falar com o pastor, ele me atendeu e eu contei: “A situação está muito brava, eu tenho dois amigos que são dois intelectuais que precisam passar para a Bolívia”. Ele disse: “Está bem, eu vou ligar e você vai para a igreja tal, em tal lugar e procura o pastor fulano de tal, que eu vou ligar para ele explicar para vocês”. Aí nós fomos, depois de uma ou duas horas, o Juca e o Guarnieri estão do lado de lá da ponte acenando.

E essa maravilhosa Ruth Escobar estava em São Paulo lutando com o DEOPS¹⁸ e com o Serviço de Segurança para trazer de volta todos os homens do teatro e ninguém ser preso. A polícia política topa, só que é um episódio muito engraçado, porque, antes de ir fazer negócio com a polícia, a Cacilda disse para ela: “Mas uma coisa você tem que fazer antes: tirar esse cinto de castidade”. Ruth tinha um cinto de castidade de ferro, feito pelo Wladimir, cenógrafo do Teatro Ruth Escobar, da famosa peça do Genet que eu não me lembro o nome agora. Ele não confiava na Ruth e fez um cinto de castidade para ela. A Cacilda disse: “Será uma vergonha política para a classe se a polícia descobrir que a líder da classe teatral usa um cinto de castidade”. Ruth tirou o cinto e foi lá falar com a polícia política para segurar os atores todos e aí conseguiu. Aí nos comunicamos com o pessoal que eu tinha levado para a Bolívia, eles tomaram um trem em Cochabamba para entrar no Brasil de volta para se apresentar à polícia.

¹⁸ Departamento de Ordem Política e Social



O clima disso tudo vocês, que não passaram pelos anos 1960 nessa fase, não são capazes de imaginar a violência, o sangue que escorreu, gente que eu tirei de celas da Rua Tutoia, que tinha sido enfiada debaixo de um chuveiro, saía toda molhada, ainda com marcas de sangue e que eu colocava no meu carro para levar embora. Foi uma época terrível, terrível.

DP: E profissionalmente você trabalhou como cenógrafo nessa época?

CN: Eu era é pombo-correio.

MR: 1964 não foi tão grave, o problema foi em 1968, com o AI-5.

CN: Mais tarde era pior ainda.

MR: Daí o sistema realmente... E aí uma coisa muito curiosa: o meu pai foi militar...

CN: Ninguém é perfeito!

MR: Mas havia, nós distinguíamos no exército a oficialidade que era, digamos, *trupie*, que não tinha consciência do que passava nos subterrâneos dos serviços. E eu ficava admirado, porque a oficialidade normal tinha uma vida burocrática, normal, de quartel. Não tinha consciência, incrivelmente, do que se passava exatamente nos subterrâneos. Criou-se um corpo clandestino dentro do exército – não só no exército, em todas as forças armadas, na marinha, que foi a meu ver, a mais violenta; a FAB¹⁹ foi menos e o exército em algumas áreas foi muito forte: aqui no DOI-CODI²⁰. Tanto que o pessoal que ia para o DEOPS levantava as mãos para os céus porque lá o tratamento era um pouco melhor em alguns casos. Lá onde pontificava o Fleury²¹, que ficou famoso com o esquadrão de repressão dele.

¹⁹ Força Aérea Brasileira

²⁰ Destacamento de Operações de Informações e Centro de Operação de Defesa Interna

²¹ Sérgio Paranhos Fleury



CN: Alguns colegas nossos daqui da Biblioteca Municipal sofreram coisas terríveis, quando houve um levante da UNE²², no Rio de Janeiro, o pessoal do Pasquim todo se levantou junto...

MR: Eu ia falar do Pasquim porque eu acompanhei o problema deles.

CN: E aí um deles era Flávio Rangel e ele foi preso. Ele, Paulo Francis, Jaguar²³, foi todo mundo posto em cana. E houve um momento em que raspavam a cabeça do Flávio, ele ficou careca e ele se lembra que foi obrigado à força, a limpar o chão com a língua, então ele passava a língua no chão todo. E o Flávio diz que tinha vontade de rir porque imaginava a sua imagem de fora, careca, passando a língua no chão e que era uma coisa absurdamente ridícula. Ele ainda teve o espírito de achar a coisa ridícula.

Uma outra figura, o filho do Lasar Segall, Maurício Segall, que foi diretor do TBC, uma figura extraordinária! Diversos depoimentos disseram que em uma cela, sem nenhum sinal de luz, quando alguém era jogado para dentro – um dos que disseram isso foi o irmão de Carlito Maia que esteve preso nessa cela – o trabalho do Maurício era levantar o ânimo de quem estava desesperado.

MR: A Dilma Rousseff também foi presa e posta no pau de arara, quase a mataram. Ela sofreu.

CN: O engraçado é que tudo isso está ausente.

DP: Isso está ausente.

MR: Você falou do Carlito, a irmã dele até hoje...

DP: Essa memória está esmaecida. Isso é impressionante: é uma memória muito recente e o impacto já se perdeu.

²² União Nacional dos Estudantes

²³ Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe



CN: O Juca foi contar no programa do Jô que eu levava o pessoal para a Bolívia, em seguida do programa eu liguei para ele e disse: “Juca, você está louco, você me entregou lá”. E ele disse: “Ah, Cyro, isso nunca mais vai acontecer”. Eu disse: “Juca, no dia anterior, no dia antes ao dia primeiro, nós tínhamos certeza de que nós estávamos no poder, como nunca mais vai acontecer?”. Deve haver um general qualquer aí afiando a espada para um futuro, se permitirmos, não é?

MR: É como o caso do Prestes²⁴ que, quando saiu da cadeia, por injunções políticas, apoiou o Getúlio, quando o Getúlio se elegeu presidente.

CN: Aqui no Anhangabaú, subia à tribuna para apoiar o Getúlio, que tinha matado a mulher dele.

MR: A política é impressionante. Aí em uma entrevista pediram para ele dizer quais eram as camuflagens que ele usou, e ele disse: “Eu preciso me precaver para o futuro”. E o futuro veio firme, ele teve que ir para Moscou.

CN: Não estamos nunca seguros, realmente.

DP: O que chama a atenção nesse relato desse período da década 1960 é que ele se contrapõe de uma forma muito violenta a esse período anterior que vocês viveram, que era um momento muito efervescente, de muita troca, muito vital.

CN: Sabe como se chama esse período? O coroamento do nosso período aqui se chama juscelinista.

MR: Foi a democracia mais plena que o Brasil já viveu...

CN: Fazia-se música, a música deu um salto de qualidade. É que o imperador era o Juscelino.

²⁴ Luís Carlos Prestes

MR: De 1945, depois da queda do Getúlio, depois da Guerra, até a entrada do Jânio – ele é eleito em 1960, com cinco milhões de votos, curioso, hoje num colégio eleitoral de 120 milhões! – foi o período realmente da plena democracia brasileira, hoje não é mais porque o Estado foi apropriado por grupos multinacionais. A entrevista do Chico de Oliveira, meu colega sociólogo, na *Folha* de ontem conta...

CN: E como castigo para os presidentes de hoje, a copa mais linda foi a de 1958. E eles são castigados agora. A copa mais sórdida foi essa que acabamos de ver. E outra coisa: eu acho que a coisa mais violenta foi contra o teatro, a invasão dos teatros, fazer todo mundo apanhar dentro dos camarins, Marília Pêra, Guarnieri, todo mundo. Sabe por quê? Porque o teatro é o último baluarte da liberdade, é no teatro que se diz o que não se pode dizer. Então o teatro é insuportável. A história do teatro é isso, ele foi calado durante séculos, oito séculos em Bizâncio; durante o período elisabetano, logo depois de Shakespeare, foi calado de novo; os atores já foram enterrados de pé para não gastar terreno. O teatro é sempre o alvo.

MR: A cultura brasileira tem uma tradição de terror e de segredo, a carta de Pero Vaz de Caminha ficou 300 anos sob censura.

CN: Ah, as loucuras da censura então nem falar...

MR: Quem sofreu o primeiro impacto em 1968, que foi quando o regime realmente endureceu terrivelmente – partiu para o açougue como diz o Márcio Bastos, virou açougue! – foi a esquerda católica, o partidão velho se compôs e não foi atacado no primeiro instante. Foi a esquerda católica e o pessoal da sociologia que sofreram o maior impacto. O pessoal da Faculdade de História, Filosofia, Geografia também. A faculdade de história foi um centro de resistência muito forte.

Gente, hoje cansamos vocês...

CN: E a vergonha da igreja evangélica – eu sou evangélico – é que é a igreja mais extrema direita que existe. Nessa lista dos sanguessugas há alguns pastores lá. A vergonha da administração das igrejas evangélicas por aí. É uma coisa absurda!



MR: Veja, Cyro, nós éramos cem mil universitários no Brasil. Você acredita nisso, Carolina²⁵? Hoje nós somos sabe quantos? Estamos indo para quatro milhões, e 99% compra diploma. De um lado se vende indulgência na igreja, voltando à velha pré-reforma, e de outro lado se vende canudo de diploma.

CN: Para a idade de vocês eu fui convocado na USP para dar lições de Ética para o departamento de Artes Cênicas e uma das coisas mais difíceis de implantar como ideia era um dito socrático que diz o seguinte: “A virtude é a sua própria recompensa”. Vocês não sabem da dificuldade de explicar o que isso quer dizer. E a pergunta era: o que é a virtude?; ou: o que é a recompensa da virtude? “A virtude é sua própria recompensa”. E as perguntas todas eram: mas que tipo de recompensa? Acho que é isso, não é?

DP: Posso fazer uma última pergunta para ambos? Essa na verdade nos ajuda a balizar muitas das nossas ações a partir de agora: como vocês idealizam e vislumbram o processo de revitalização da Biblioteca? Quer dizer, o que vocês imaginam, qual é o potencial da Biblioteca neste momento, o que ela deve vir a ser, o que ela deveria recuperar para voltar a ser um espaço catalisador, um espaço de efervescência de ideias?

MR: Havia uma tese de um grupo que achava que a BMA deveria se transformar em um centro de pesquisa mais especializada e com certas restrições ao grande público de estudantes; dar essa característica que de certo modo a Biblioteca Nacional do Rio tem – ela é depositária dos direitos autorais de cada obra, quer dizer, ela mantém esse acervo; qualquer edição no Brasil obrigatoriamente é depositada na Biblioteca Nacional. Por que não ocorrer isso aqui, em nível de Estado de São Paulo? Era uma das teses que eram levantadas e talvez ainda me parecem pertinentes e atuais.

Outra coisa: é indispensável a atualização do acervo e isso requer verbas e para haver verbas é necessário que haja uma ação política junto aos órgãos que

²⁵ Maria Carolina de Ré, funcionária da Difusão Cultural (2006).



decidem essas verbas, por isso, seria muito bom se houvesse uma nova Associação.

DP: Existe. Ela se formou em 2002, ela foi recolocada, neste momento agora, há dois ou três meses atrás, um novo grupo se formou.

MR: Se houver interesse, eu acho que já dei minha contribuição, mas posso dizer, contar essa experiência e os caminhos que deveriam ser trilhados e as formas de tratar com o poder, o que é essencial.

CN: Às vezes eu me pergunto onde está hoje aquele grupinho nosso.

MR: Não existe mais, dispersou. São Paulo mudou.

CN: Então o problema não é só de meios da Biblioteca, existe um problema de revitalização da cultura popular. Aquele grupinho deve existir, mas está todo espalhado pela cidade. A BMA tinha um magnetismo e era o único magnetismo na cidade.

MR: Mas era a única biblioteca! Tinha biblioteca nos bairros? Não tinha, hoje tem mais de quarenta, cinquenta, o último número que eu vi é muito grande.

CN: Então comprem acervo, só que vai precisar distribuir acervo por todos os centros culturais de São Paulo.

MR: É um problema complicado. Mas há uma revitalização do centro e então agora deveria encostar no BID²⁶; eu acho que o BID é uma fonte de recursos que deveria ser contatada não pela Biblioteca, mas por um grupo tipo a Associação que possa ter esse diálogo.

CN: E criar uma imagem magnetizante para a Biblioteca, uma nova imagem.

²⁶ Banco Interamericano de Desenvolvimento



MR: O BID é que bancou essa reforma da Praça Dom José Gaspar, está bancando a República e vai bancar a Roosevelt, ora a Biblioteca está neste entorno.

DP: O financiamento para a reforma física da Biblioteca será do BID.

MR: É do BID? Então meu raciocínio está correto. E quanto é a proposta?

DP: Não sei. É um valor bastante alto que contempla a reforma física.

MR: O que é que está previsto?

DP: Está previsto um restauro, tem até a maquete lá embaixo.

MR: Inclusive o túnel ligando ao IPESP.

DP: Sim, um túnel ligando ao prédio do Ipesp e terá a transferência do acervo. E a pergunta em relação ao magnetismo, você acha que é possível resgatar esse magnetismo ou que talvez nunca tenha se perdido e ainda se mantém?

CN: Eu acho que é possível. Infelizmente, vai depender de uma palavra amaldiçoada que é marketing, desgraçadamente existe a palavra marketing, e eu fui vítima dela no final dos anos 1960, depois de ter feito algumas coisas de moda com a Rhodia, maravilhosas, e aí surgiu uma palavra: marketing.

MR: Com o Lívio Rangan.

CN: E nos disseram que estávamos totalmente errados, que em lugar de fazer grandes desfiles de moda, nós deveríamos colocar em um balcão peças em desordem como se fosse fim de linha, que nós venderíamos muito mais. Mas a verdade é que nós tínhamos feito a história da moda ou a implantação da história da moda no Brasil. Só depois é que nós compreendemos.



Então eu acho que uma nova imagem da Biblioteca seria maravilhosa. Nós não tínhamos essas grades de ferro ao redor.

DP: No projeto elas caem, elas deixam de existir.

CN: Você sabe que há uma igreja católica no Largo de Pinheiros, em cuja porta foi colocada uma grade de ferro e abre de vez em quando. Uma igreja! Eu acho que o problema social e cultural é que tem que ser vencido. Se tem mais ou menos livros não importa, o importante seria uma nova imagem da Biblioteca, que trouxesse de novo uma turminha que encontrasse aqui uma universalidade dos interesses.

MR: Nessa linha de raciocínio, uma reflexão sobre o papel da Mário de Andrade caberia.

CN: Deve ter um papel técnico novo também.

MR: Porque, por exemplo, as cabines que tinham aí para pesquisa...

CN: Não tem mais?

DP: Tem, mas funcionam de uma forma precária.

MR: Não estão funcionando ou funcionam em más condições. Então seria preciso dar essas condições.

CN: Você se lembra que nós quisemos usar e alguém aqui disse: “O senhor vai ter que trazer a lâmpada porque nós não temos lâmpada”!

MR: É um caso de agitar a opinião pública, e a administração formal não pode fazer isso, quem pode fazer isso é uma associação, quer dizer, junta aí até parar o trânsito. Nós pensamos em até parar o trânsito aqui e fazer um movimento. Mas aí precisa ter uma redefinição, uma reavaliação, configurar com exatidão o papel da



Mário de Andrade, porque ela está em uma vala comum. Ela é um órgão público, ela não pode fechar suas portas, mas ela pode segmentar, isso é uma tese muito antiga, eu acho. Não sei se está na programação de vocês ouvir a Nina Rosa, porque eu acho que ela deu uma contribuição muito importante; pelo menos do pessoal com quem eu convivi, foi ela quem teve maior percepção desse problema; tanto que ela foi a incentivadora da criação da Associação, foi na gestão dela. Eu acho que ela é uma pessoa muito lúcida, não sei atualmente, eu perdi o contato com ela, mas eu acho que ela deveria ser ouvida; ela poderia dar uma contribuição muito importante, pois ela tem uma visão muito lúcida sobre a Biblioteca e uma percepção política muito grande do problema.

Pois é, Cyro!

CN: Eu agradeço muito a delicadeza de vocês de nos gravarem e em virtude do adiantado da hora, eu proponho que se encerre a reunião. Muito obrigado!

DP: Eu agradeço a presença de vocês dois, muito obrigada! Vocês são dois são oradores em potencial!

